

Resistência das mulheres no Nordeste da Síria

Como as mulheres estão a organizar-se contra a guerra de ocupação turca





Resistência das mulheres no Nordeste da Síria

Como as mulheres estão a organizar-se contra a guerra de ocupação turca

Desde 9 de outubro de 2019, a Turquia e os seus aliados jihadistas têm invadido os territórios do Nordeste da Síria / Rojava. A Turquia pretende ocupar a terra e destruir as conquistas que o povo têm vindo a construir e obter no Nordeste da Síria ao longo dos últimos oito anos.

Desde o dia 9 de outubro, as mulheres têm sido alvo direto das forças de ocupação e tornam-se vítimas de deslocamentos em massa, bombardeamentos, raptos, execuções no campo e profanação dos seus corpos. Ao divulgarem as provas das suas atrocidades, os bandos jihadistas apoiados pela Turquia pretendem destruir a vontade e a resistência das mulheres. Estas atrocidades foram documentadas por várias

instituições no Nordeste da Síria, bem como por organizações internacionais de direitos humanos.¹

Apesar destas tentativas, as mulheres por todo o Nordeste da Síria estão a organizar-se para resistir a estes ataques. A mentalidade das mulheres que participam na revolução de Rojava não é de vitimização. Aqui dizem *resistência é vida*, e dezenas de milhares de mulheres no Nordeste da Síria vivem de acordo com este princípio. Neste dossiê, nós, como movimento de mulheres da Kongra Star, queremos ajudar a esclarecer as muitas formas diferentes de resistência das mulheres diante do ataque do Estado turco.

Desde o início da guerra, o comité da campanha Women Defend Rojava tem realizado entrevistas a mulheres que se organizam em todos os diferentes campos de resistência em toda a região do Nordeste da Síria. A não ser que sejam referenciadas outras fontes, a informação constante deste ficheiro provém das pessoas entrevistadas.

Kongra Star é uma estrutura chapéu de grupos de mulheres em Rojava. Procura desenvolver uma Rojava livre, uma Síria democrática e um Médio Oriente democrático, promovendo a liberdade das mulheres e o conceito de nação democrática. A Kongra Star começou a trabalhar em 2005, organizando o movimento de

mulheres em Rojava e na Síria. Durante algum tempo, a organização foi clandestina sob o regime Ba'ath e enfrentou muitas dificuldades. A Kongra Star foi fundamental para a organização social durante o início da revolução, e desde então tem continuado a crescer como instituição e foca-se em todas as áreas da vida das mulheres, incluindo educação, arte, auto-defesa, economia, media e organização social.

Após a revolução, cada vez mais mulheres no Nordeste da Síria organizaram-se e o número de membros da Kongra Star tem crescido. Todos os grupos étnicos estão auto-organizados e tornaram-se parte da revolução, da mesma forma que a Kongra Star está organizada para e por todas as cores das mulheres do Nordeste da Síria. Evin Swede, porta-voz da Kongra Star, diz que devido às condições tão opressivas as mulheres aqui tornaram-se organizadas e compreendem tão bem a necessidade de unidade. “Sob o Estado Islâmico as mulheres no Nordeste da Síria enfrentaram e superaram os piores horrores do século XXI. Por isso, quando as ameaças turcas vieram, foi sempre claro que a resistência seria forte.” A Kongra Star desenvolve as qualidades de liderança das mulheres, bem como a força coletiva. As diferentes vontades das mulheres são organizadas através da Kongra Star que ajuda a tornar a revolução de Rojava uma revolução feminina. “Os ataques têm sido pesados, mas não se pode destruir a organização das mulheres. Tem havido

uma conspiração internacional contra Rojava, mas a posição das mulheres tem sido clara, a finalidade é construir uma vida livre e democrática e continuar a luta dos seus *şehîds*.”

Kongra Star
Comité da Campanha Women Defend Rojava
19/01/2020

Notas

1 Ver: Comité de Estatística e Pesquisa Kongra Star Qamişlo, *Kongra Star Diplomacy: Efeitos da invasão turca do norte e leste da Síria em mulheres e crianças*, 22/11/2019.



Legítima Autodefesa: Unidades de Proteção das Mulheres - (YPJ)

As Unidades de Proteção das Mulheres (*Yekîneyên Parastina Jin* - YPJ) foram fundadas em 2013 como força de defesa militar feminina. De acordo com seus princípios, as YPJ realizam legítima autodefesa contra todos os ataques físicos externos direcionados à terra, à sociedade e especialmente às mulheres. O seu objetivo é construir uma Síria democrática, descentralizada e pluralista e alcançar a libertação das mulheres através do combate à mentalidade patriarcal e ataques militares. É por isso que as YPJ, além de lutar na linha da frente, também educam as mulheres intelectualmente e culturalmente, para que elas possam descobrir as suas personalidades e contribuir para a construção de uma sociedade na qual a justiça, a liberdade e a igualdade prevalecem.¹ Milhares de mulheres receberam educação pelas YPJ, com o objetivo de aprender a defender-se mentalmente e fisicamente.

As YPJ juntaram-se às Forças Democráticas da Síria (SDF) a 11 de outubro de 2015 e parti-

ciparam em todas as campanhas de libertação lançadas pelas SDF contra a ocupação do Estado Islâmico no Nordeste da Síria.² Newroz Ahmed, ela própria uma mulher curda, é comandante das YPJ e explica como as YPJ se desenvolveram através da luta contra o Estado Islâmico: “Na luta contra o Estado Islâmico, milhares de combatentes nossas colocam as suas vidas em risco por um futuro de liberdade. No início muitas pessoas não nos levavam a sério, mas quando viram a nossa organização e o papel de liderança que assumimos, viram a nossa força.” Newroz explica como as mulheres foram as que mais sofreram com o Estado Islâmico. Esta foi a motivação e força motriz da sua organização para “acabar com esta barbárie.”

As YPJ representam uma força destinada a defender as mulheres e a sociedade contra a opressão, não apenas do estado islâmico, mas de quaisquer agressores. Como tal, participaram na defesa de Afrin, que o estado turco atacou e ocupou em 2018, e ainda desempenham um papel fundamental na atual resistência à invasão. Newroz ainda é comandante nas fileiras das YPJ. “As YPJ aceitam e assumem o dever e a responsabilidade de defender a sociedade e as mulheres.”

O princípio de legítima autodefesa das YPJ aplica a seguinte regra: “Se tivéssemos forças para atacar o mundo inteiro, não o faríamos, mas se todas as forças do mundo se unirem para nos atacar, vamos defender-nos”.³



Bêrîtan Deir-az Zor é uma combatente das YPJ e está com a sua unidade em Til Temir. É uma mulher árabe de Deir-az Zor. “Nas YPJ existem mulheres de diferentes grupos étnicos. A maioria delas são curdas e árabes. Mas também há mulheres siríacas, assírias e outras. Também mulheres internacionalistas de outros países e regiões juntam-se às nossas forças. A nossa unidade tem muitas cores. Esta variedade na participação da YPJ permite que as mulheres se unam e, através desta unidade colorida, possam realizar a sua própria auto-defesa.”

Durante os últimos anos, as forças da YPJ tornaram-se uma força profissional tal como Bêrîtan explica. “As nossas forças autónomas aprendem a usar todas as armas. Usamos armas pesadas, médias e leves. Armas leves são Kalashnikovs, granadas e pistolas. Armas médias são por exemplo RPG. As mulheres das YPJ também estão a usar armas pesadas, como morteiros ou armas incendiárias. As mulheres desempenham um papel importante nas linhas da frente.”

Além de trabalhar nas linhas da frente, as YPJ possuem equipas próprias para trabalhos de imprensa, informação e diplomacia. Representantes da YPJ viajaram para outros países, participaram em conferências e conheceram organizações e movimentos de mulheres em todo o mundo. As YPJ não vêm a sua luta de libertação das mulheres como limitada à área do Nordeste da Síria, mas enfatizam a impor-

tância de organizar e conectar a autodefesa das mulheres contra ataques patriarcais e militaristas em todo o mundo. Mais de cem mulheres internacionalistas também ocuparam lugar nas fileiras das YPJ.

Bêrîtan afirma: “As coisas que as mulheres alcançaram aqui aumentam a nossa moral e força. O resultado é que também o nosso ambiente ganha força e confiança. As mulheres podem fazer tudo. O papel que as mulheres estão a desempenhar, bem como as suas conquistas, tornaram-se uma ameaça tanto para o estado turco como para o Estado Islâmico. O estado turco e os seus aliados têm medo da força das mulheres e nunca conseguirão destruir a revolução das mulheres.”

Notes

- 1 Gabinete de Relações Públicas da Unidade de Proteção das Mulheres: Women's Protection Units YPJ, 11.05.2019. p 3.
- 2 Gabinete de Relações Públicas da Unidade de Proteção das Mulheres: Women's Protection Units YPJ, 11.05.2019. p 8f.
- 3 Gabinete de Relações Públicas da Unidade de Proteção das Mulheres: Unidades de Proteção das Mulheres YPJ, 11.05.2019. p. 4

**"Queremos mostrar ao mundo que as mulheres se podem defender."
Bêrîtan Deir-az Zor**





“Desde o início até ao fim, como mulheres, tomamos uma posição juntas. Se estivermos unidas, a nossa força e a nossa vontade tornar-se-ão ainda mais fortes.”

Zenûbiya Athro

"Estamos a defender o nosso povo e a nossa cultura.":

Forças das Mulheres Siríacas HSNB

As Forças de Proteção das Mulheres de Bethnahrin, HSNB (romanizado do siríaco clássico: *Ḥaylawoṯho d'Sutoro d'Neshe d'Beth Nahrin*), são uma força militar siríaca totalmente feminina. Os povos siríacos incluem assírios, caldeus e arameus que são povos indígenas do Médio Oriente. O povo siríaco, com seis mil anos de história na Mesopotâmia, foi dividido pelas fronteiras dos estados da Síria, Iraque, Irão, Turquia e Líbano.¹ Os siríacos que vivem no Nordeste da Síria são, assim como os arménios, descendentes dos sobreviventes



do genocídio de que foram vítimas às mãos do Império Otomano entre 1915 e 1917. Estes massacres são referidos como *Seyfo*, o termo siríaco para *espada*.²

Zenúbîya Athro é a dirigente das HSNB e explica que as HSNB foram criadas após o Estado Islâmico ter atacado aldeias siríacas na região de Khabour em 2015. Foi na altura um dos membros fundadores das SDF. Ao enfrentar a atual ameaça da invasão turca, traça um paralelo entre os massacres do passado e de hoje: "Como no massacre de Seyfo em 1915, a história repetiu-se com o massacre em 2015. É por isso que agora nos estamos a defender enquanto força contra o Estado turco. Como mulheres siríacas, em particular, enfrentámos muitos massacres, é por isso que construímos a nossa própria força contra estes ataques."



As HSNB a ensinar as mulheres da sua comunidade a usar uma arma

"Atualmente, as HSNB, com cerca de 100 membros, estão posicionadas em diferentes lugares, de Derik a Til Temir. Zenúbîya afirma: "Estamos a desempenhar um papel ativo nesta resistência" e enfatiza o caráter unificador da resistência: "Somos como uma grande família. Esta guerra tornou as ligações entre nós ainda mais fortes. Tornámo-nos num só. Não há diferença entre curdas, árabes e siríacas. A nossa vida é com todos os povos aqui. Curdas, árabes e todas as outras tornaram-se numa só."



Membros das HSNB a entrar numa igreja

Notas

- 1 União Siríaca Europeia: Folheto (Inglês), p. 1.
- 2 Centro de Pesquisa Estratégica Siríaca: Cristãos Siríacos em "Genocide Watch", 20/10/2019. p.1.





“Vamos defender-nos porque conhecemos a nossa história.”:

Conselho da Guarda Assíria de Khabour

As mulheres assírias também estão organizadas no Conselho da Guarda Assíria de Khabour. Confrontadas com guerra, assassinios e deslocções, as jovens assírias que vivem na região de Khabour criaram as Guardas de Khabour em 2012 como uma força de defesa militar. As mulheres já tinham aderido ao conselho para se protegerem a si mesmas e às suas terras. Agora, estão organizadas de forma autónoma em unidades femininas.

Três anos após a fundação do Conselho da Guarda de Khabour em 2015, o Estado Islâmico atacou a região de Khabour. As Guardas de Khabour tiveram um papel crucial na proteção e na libertação de áreas povoadas por cristãos. Os ataques do Estado Islâmico levaram a uma grande migração de pessoas assírias, principalmente para a Europa e para a América do Norte. A população de 300.000 cristãos na área de Khabour, a leste do Eufrates, foi reduzida para cerca de 100.000 pessoas após os ataques.¹

Madeleine Khamis é a comandante do Conselho das Guardas Assírias de Khabour. Ela diz-



-nos que as mulheres estão a proteger o povo assírio preservando costumes e tradições, assim como juntando-se às forças de defesa armada. Afirma que é necessário defender a sua terra: “Destruição, pilhagem, detenção, cativo e profanação de lugares sagrados; estas imagens ainda estão diante dos nossos olhos e não serão esquecidas.”

As Guardas de Khabour fazem parte das SDF e, em julho de 2019, declararam, juntamente com o Conselho Militar Síriaco, a formação do Conselho Militar Síriaco-Assírio comum. Neste momento, as Guardas de Khabour estão a manter cinco posições de defesa entre Serêkaniyê (Ras al-Ayn em árabe) e Til Temir.

Madeleine diz da invasão atual: “Agora esta ocupação e estes ataques representam um grande perigo, criam um grande medo entre as pessoas da região, especialmente entre os assírios, siríacos, caldeus e armênios, que foram massacrados pelos otomanos, nomeadamente nos massacres de Seyfo e Simele² Logo, o perigo agora é maior. Se o estado turco continuar os seus ataques e violações cometidas pelos seus grupos terroristas, nós vê-lo-emos como genocídio.”


Madeleine e as suas companheiras estão determinadas a resistir. “Aqui no Nordeste da Síria, estamos a viver juntas, muçulmanas e cristãs, estamos a viver a amizade dos povos no seu verdadeiro sentido... Tudo isto está agora sob ameaça. Mas nós, como pessoas da região que

estão a viver juntas, devemos resistir, levantar-nos contra qualquer ataque e planos do inimigo que está a atacar as nossas terras.”

Notas

1 Centro de Pesquisa Estratégica Síriaca: Cristãos Síriacos em “Genocide Watch”, 20.10.2019, p.2.

2 O massacre de Simele em 1933, foi o primeiro de muitos massacres cometidos pelo governo iraquiano durante o ataque sistemático aos assírios do norte do Iraque em agosto de 1933.



**"Como povos assírios, especialmente as mulheres, fomos sempre submetidas a muitos massacres e crueldades, por isso devemos assumir a responsabilidade de nos proteger."
Madeleine Khamis**



Mulheres reúnem-se para cozinhar comida para as lutadoras, organizadas pela HPG-Jin



A autodefesa deve ser a todos os níveis:

HPC-Jin

As Forças de Autodefesa Comunitária das Mulheres, HPC-Jin (em curdo: *Hêzên Parastîna Civakî ya Jinê*), foram criadas em 2014. A HPC-Jin é uma organização civil de base que é responsável pela segurança das comunidades e bairros, garantindo que as pessoas, especialmente as mulheres, se possam defender de todas as formas de violência. Dentro das HPC-Jin, a autodefesa não é entendida como uma tarefa apenas militar mas é vista como uma tarefa que precisa de ser implementada nas raízes da sociedade e sempre ligada à educação para superar as relações opressivas e construir uma personalidade livre e uma sociedade livre. Este fundamento ideológico é essencial para o uso de armas e para o entendimento da auto-defesa. Junto das HPC-Jin, a estrutura paralela mista é a HPC.¹

Sabah Rejid Qrê é a dirigente da HPC-Jin em Haseke. As mulheres das HPC-Jin recebem treino militar básico, mas as suas tarefas não se limitam à defesa armada. “O nosso trabalho tem um lado social assim como um lado armado. Nós não somos uma força militar e somos mais ativas dentro da sociedade.” Os trabalhos da HPC-Jin incluem reconciliação comunitária, mediação de disputas, vigilância

de eventos públicos, criação de postos de controlo e estar a par da situação nos seus bairros. É importante que as mulheres no bairro tenham contacto direto com as pessoas, para que possam ser informadas em casos de violência contra as mulheres ou quaisquer outras ameaças à segurança do seu bairro.² A maioria das mulheres que trabalham na HPC-Jin são mães, avós e mulheres mais velhas, algumas delas com 60-70 anos. Mas mulheres jovens de todas as comunidades também participam.

**"Enquanto tivermos
força, ficaremos de pé".
Sabah Rejid Qrê**

Diante da atual invasão militar, as HPC-Jin têm um papel fundamental na proteção das comunidades, especialmente para impedir ataques de “células adormecidas” do Estado Islâmico, que aumentaram desde o início da invasão turca. Sabah explica como o seu trabalho mudou devido à guerra: “Estamos a sensibilizar as nossas comunidades, para que as pessoas fiquem alerta em relação a possíveis ataques. Ao estar ligadas ao nosso povo e ao conscientizá-lo sobre situações de segurança, queremos impedir que o inimigo se infiltre entre a população.” Com a situação atual, as HPC-Jin estão mais frequentemente a vigiar

os postos de controlo ou a patrulhar bairros. “Às vezes 4 a 6 horas, às vezes a noite toda”, diz Sabah. Juntamente com estes trabalhos, a HPC-Jin pretende aumentar a participação das mulheres nas várias tarefas de resistência como, por exemplo, cozinhando alimentos para as combatentes na linha de frente.

Para Sabah, é claro que elas estão prontas para defender as suas comunidades. “Quando a guerra se aproxima das nossas posições, também damos apoio direto às SDF. Não na linha da frente, mas nas segundas linhas. Nós também iremos lutar.

Notas

1 Relações Diplomáticas da Kongreya Star: A Kongreya Star e os seus comités, 2018, p. 52f.

2 Relações Diplomáticas da Kongreya Star: A Kongreya Star e os seus comités, 2018, p. 54.



Defender o direito à vida e à integridade física:

Trabalho médico

O apoio médico nas áreas atacadas, tal como a ajuda às pessoas deslocadas, é organizado pelo Crescente Vermelho Curdo, Heyva Sor em curdo. Fundado em 2012, o Crescente Vermelho Curdo trabalha como ONG no Nordeste da Síria, fornecendo assistência médica, social e ajuda humanitária.

Jamíla Hami é co-presidente do Crescente Vermelho Curdo. “O Heyva Sor foi construí-

do do nada. No início, durante as guerras em Kobane ou em Şengal, não tínhamos ambulâncias. Pedimos ao nosso povo para trazer carros para transportar os feridos. “Desde então, o Heyva Sor profissionalizou-se e agora desempenha um papel fundamental nos cuidados de saúde durante a guerra atual. O Heyva Sor tem entre 800 a 900 profissionais de saúde, dos quais 60% são mulheres. No Nordeste da Síria o Heyva Sor está a atuar com 46 ambulâncias, realiza os primeiros contactos e os primeiros socorros e está a levar as pessoas feridas aos hospitais.”

Jamí está atualmente a trabalhar no Hospital Şehîd Lêgerîn em Til Temir, que é administrado pelo Heyva Sor. “No início da invasão, havia três centros de saúde entre o Hospital Şehîd Lêgerîn e Serêkaniyê. Com os avanços das forças de ocupação, o Hospital Şehîd Lêgerîn tornou-se o hospital mais próximo da linha da frente de Serêkaniyê. Todas as pessoas feridas próximas das linhas da frente, tanto combatentes como civis, são aqui tratados. “O hospital atua com 12 ambulâncias e cerca de 100 funcionários. Centenas de pessoas foram tratadas desde o início desta guerra e muitas foram salvas. As mulheres estão



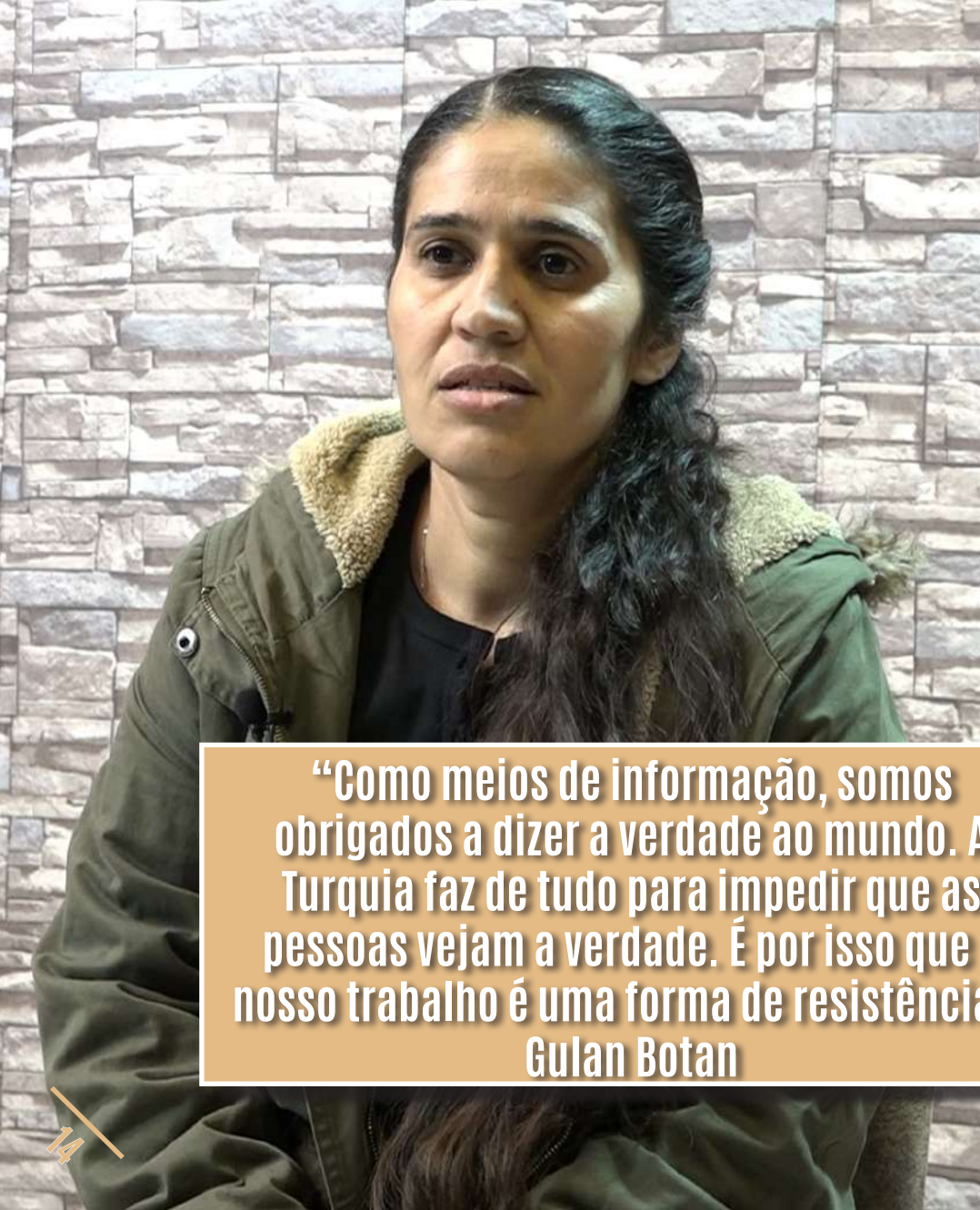
a trabalhar como paramédicas e socorristas, e também como médicas, farmacêuticas e técnicas. Mulheres estudantes de medicina também estão neste momento a trabalhar em hospitais.

O Heyva Sor tem recolhido documentação relativamente as vítimas tratadas, contribuindo para a recolha de provas de crimes de guerra, tal como o uso de armas químicas. Jamíla avalia o trabalho do Heyva Sor como parte da resistência: “Nesta guerra, ninguém, nenhuma lei internacional, nenhuma força internacional está a proteger o direito à vida e à integridade física do nosso povo, por isso é nosso dever fazê-lo”.





"Fizemos a promessa de não deixar nem uma única pessoa ferida no chão".
Jamîla Hami



“Como meios de informação, somos obrigados a dizer a verdade ao mundo. A Turquia faz de tudo para impedir que as pessoas vejam a verdade. É por isso que o nosso trabalho é uma forma de resistência.”
Gulan Botan

Amplificar as vozes das mulheres para o mundo:

Trabalho de imprensa e meios de informação

Desde a revolução democrática de 2012 na região, o trabalho de comunicação social e da imprensa desenvolveu-se muito. Sob o regime do Ba'ath, os media eram censurados; os meios de comunicação curdos e até o uso da língua curda em público foram proibidos. Os jornalistas eram presos ou até assassinados. Com a implementação da autogovernança democrática, foram construídos novos centros e instituições de comunicação social. As mulheres assumiram uma posição de liderança, representando 57% das trabalhadoras dos meios de informação no Nordeste da Síria.¹

Gulan Botan trabalha como repórter para a Medya Haber TV. Estava a documentar a guerra desde Serêkaniyê. No dia 9 de outubro, quando a Turquia iniciou os seus ataques, reportou a ação do escudo humano em Serêkaniyê, onde centenas de pessoas estavam a protestar no lado sírio da fronteira. “Toda a gente estava lá. Pessoas de todas as nações cantavam músicas de resistência juntas. Especialmente mulheres. Nós, como jornalistas, queríamos que as suas vozes fossem ouvidas

em todo o mundo. “Ainda estava lá quando os ataques começaram. “Vimos com os nossos próprios olhos que no momento do ataque não havia ameaça para a Turquia. Em Serêkaniyê estava o povo. Mulheres, homens, idosos e crianças. Eram estas as pessoas que estavam na fronteira quando a Turquia atacou.”

Botan ficou em Serêkaniyê enquanto o ataque estava a decorrer, a reportar desde a cidade. Alguns meios de comunicação internacionais anunciaram que iriam retirar os jornalistas devido ao perigo. “Fomos forçadas a trabalhar em condições difíceis. Nestas condições é preciso fazer tudo. Estava a apresentar notícias na frente da câmara, a filmar e a fazer a montagem. Às vezes a nossa capacidade de obter e publicar informações era interrompida não havendo eletricidade para carregar as nossas câmaras. Mas com as possibilidades que tínhamos, continuámos o nosso trabalho. Às vezes, simplesmente filmámos com os nossos telemóveis.

Jornalistas também foram mortos nesta altura. Dia 11 de outubro, Vedat Erdemci, jornalista a trabalhar para a Hawar News Agency, foi morto num ataque aéreo turco em Serêkaniyê. No dia 13, o exército turco bombardeou uma caravana de civis e jornalistas que se dirigiam para Serêkaniyê em apoio à resistência. Onze pessoas foram mortas, entre elas dois jornalistas.² Gulan Botan viu o ataque à caravana e diz-nos porque é que a imprensa é alvo. “O estado turco não quer que a verdade seja mostrada. Não

querem que mostremos o que realmente está a acontecer e que as pessoas estão a defender as suas terras”.

Zozan Berkele, uma jornalista local a trabalhar para a estação televisiva Jin TV foi ferida por tiros disparados pelas forças turcas, enquanto tentava cobrir uma patrulha turco-russa no dia 11 de novembro na área rural de Kobane.³ Apesar dos riscos que os jornalistas estão a enfrentar, Botan põe ênfase no papel crucial do trabalho dos media e explica a sua própria motivação: “A comunicação social pode ser os olhos da verdade. Nós podemos ver o que realmente está a acontecer e contá-lo ao mundo. Jamais esquecerei os jornalistas que perderam a vida em Serêkaniyê. Estes ataques levam ainda mais pessoas a procurar a verdade. É por isso que continuarei a perseguir a verdade através do meu trabalho.”

Notas

1 Relações Diplomáticas da Kongra Star: Kongreya Star e os seus comités, 2018. p. 30.

2 Comité para Proteger Jornalistas: Um segundo jornalista curdo sírio morre de ferimentos sofridos num ataque aéreo turco. 15.10.2019. <https://cpj.org/2019/10/second-syrian-kurdish-journalist-dies-of-wounds-su.php>

3 Rojava Information Center - Centro de Informação de Rojava: Guerra da Turquia contra civis. 1.12.2019. p. 7.





Quando combatentes caídos são enterrados, centenas de pessoas reúnem-se nos cemitérios dos mártires para se despedir.

Transformar a perda numa força organizada de resistência: Malbatên Şehîdan

O Conselho de Famílias dos Mártires, "Malbatên Şehîdan", foi fundado em 2014 e tem como objetivo fornecer ajuda, moral e material, às famílias daquelas e daqueles que perecem na guerra. Şehîd é a expressão curda para mártir e a cultura honra aquelas e aqueles que dedicaram a sua vida à resistência. O próprio Malbatên Şehîdan é organizado por membros da família de şehîds. que vão com as famílias aos funerais, montam as tendas para a tradicional cerimónia de três dias de luto e ajudam as famílias a organizarem-se a longo prazo, dando-lhes apoio psicológico e ajudando-as a voltar à vida quotidiana.¹

Ayda Xelil, mãe de um şehîd, explica: "Malbatên Şehîdan é uma casa comum para todas as famílias şehîd. Organizamos o apoio e o luto pode ser partilhado. "Com a atual resistência, muitas famílias estão a sofrer perdas, mas Ayda enfatiza: "A cada şehîd, as famílias aproximam-se. As mães, em particular, apoiam-se porque vivenciaram a mesma dor.

Ao longo dos últimos anos, Malbatên Şehîdan tornou-se uma organização civil forte que representa muitas pessoas. Na atual resis-

tência, publicam declarações, participam em campanhas e organizam manifestações. Ayda explica que muitas vezes são as famílias dos şehîds que assumem papéis de liderança na resistência. “Elas veem-se como aquelas que estão a cumprir os sonhos e demandas dos que deram a sua vida para defender esta terra. Portanto nunca aceitarão a ocupação por parte da Turquia.”

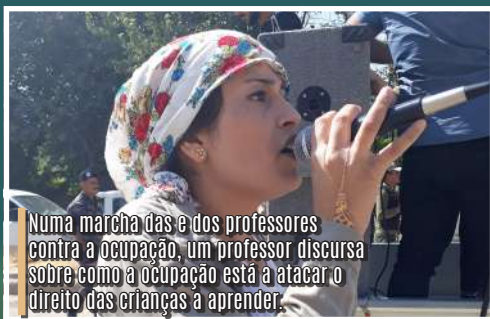
Os funerais que são organizados pela instituição são eventos importantes, onde centenas de pessoas se reúnem para se despedir dos şehîds. É um lugar onde a sociedade pode partilhar coletivamente a sua dor e raiva perante a guerra e a injustiça imposta. Ao mesmo tempo, a solidariedade da sociedade tem um significado importante e dá força e confiança às famílias e amigos dos şehîds. Muitas vezes, os funerais transformam-se em manifestações nas quais a sociedade renova o seu compromisso de intensificar a resistência até que a liberdade e a justiça sejam alcançadas.

Notas

1 Relações Diplomáticas da Kongra Star: Kongreya Star e os seus comités, 2018. p. 57.

“Lembrar os nossos şehîds é importante para a atual resistência. Eles relembram-nos contra o que é que estamos a resistir e porque é que estamos a lutar.”
Ayda Xeilil





Numa marcha das e dos professores contra a ocupação, um professor discursa sobre como a ocupação está a atacar o direito das crianças a aprender.

Enfrentar os ataques da Turquia à sociedade: A resistência popular

A organização da sociedade civil tem continuado apesar da guerra, e muitas vezes até se intensificou. As pessoas têm organizado reuniões públicas para discutir a situação e as possibilidades de resistência. As mulheres têm-se organizado autonomamente para se concentrarem em temas específicos que as afetam particularmente.

A sociedade civil também se dirige às instituições internacionais, exigindo que estas assumam as suas responsabilidades. A população deslocada de Serêkaniyê (Ras al-Ayn em árabe) tem protestado à frente da sede da AC-NUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) em Qamişlo (Al-Qamishli em árabe), exigindo o seu direito de regressar em segurança às suas casas e viver em paz.¹ As mulheres da Kongra Star têm enviado cartas abertas à ONU e à UNICEF, descrevendo a situação, propondo possibilidades e formas para

acabar com a guerra e lembrando às instituições que devem cumprir com as suas obrigações.

Desde que a invasão começou, não tem havido uma semana sem manifestações em massa. Muitas vezes são organizadas ações coordenadas em toda a região ao mesmo tempo. Há mobilização de diferentes setores da sociedade civil, incluindo sindicatos de professores, Malbatên Şehîdan, o movimento de mulheres, associações de jovens mulheres, artistas ou pessoas deslocadas internamente. Diferentes grupos culturais e artísticos têm participado na resistência, utilizando a música, o teatro e a arte como forma de protesto.

Quando a cidade de Serêkaniyê esteve sitiada e nenhum corredor humanitário estava aberto para permitir a evacuação dos feridos, os civis organizaram um comboio para o hospital de Serêkaniyê no dia 19 de outubro. Com a participação de trabalhadores humanitários e médicos, mulheres e organizações da sociedade civil, o comboio conseguiu trazer muitos feridos para Til Temer.

A resistência é muitas vezes organizada, através de comunas ou conselhos de mulheres e de pessoas, mas também assume formas mais espontâneas. Durante as primeiras patrulhas conjuntas em território sírio, entre os EUA e a Turquia, habitantes de Qamişlo atiraram pedras aos veículos armados. Percecionando as patrulhas como formas de ocupação, as pessoas prepararam-se para as seguintes patrulhas em toda a região. Após o acordo entre a Rússia e a Turquia, as patrulhas mudaram de Americanas-Turcas para Russas-Turcas. Con-

tra estas patrulhas também foi atirado de tudo, desde extintores de incêndio a frutas podres e pedras, por todos, desde crianças de quatro anos, a jovens mulheres, mães e avós.

A 8 de novembro, as pessoas que protestavam contra uma patrulha russa-turca foram atacadas pelas forças de ocupação. Serxwebun Ali, um jovem que protestava contra as patrulhas entre Girke Lege e Derik, foi esmagado por um veículo armado e morreu. Mas isto não impediu os protestos contra as patrulhas. A 12 de novembro, uma patrulha no subdistrito de Kobane foi forçada a mudar o seu percurso para estradas não pavimentadas por manifestantes que bloqueavam o caminho e atiravam pedras.² Quando os soldados russos distribuíam pacotes de ajuda humanitária à população da região de Kobane, as mulheres atiraram-nos de volta para os carros militares russos, dizendo que não queriam comida, mas sim que a guerra e a ocupação acabassem.



Mulheres bloqueiam a rua em frente a uma patrulha turco-russa

Notas

- 1 Heyva Sor: Invasão militar turca e grupos islâmicos no nordeste da Síria, 14.11.2019. p.2.
- 2 Heyva Sor: Invasão militar turca e grupos islâmicos no nordeste da Síria, 14.11.2019. p.2.p.5.

Mulheres de Kevana Zerîn, o movimento cultural das mulheres, protestam contra a ocupação turca





Tentam destruir-nos mas como jovens mulheres, não temos medo. Sei que os bandos de Erdogan têm medo de nós. Devem ter medo de nós. Porque enquanto nos tentarem atacar, nós iremos resistir."
Çavreş Tekoşîn



Enquanto mulheres somos a sociedade e enquanto jovens somos o futuro:

O Movimento de Jovens Mulheres

O movimento de jovens mulheres está autonomamente organizado dentro do movimento juvenil misto e foi oficialmente fundado, depois de anos de organização, em 2016. Desde o início dos ataques em curso, o movimento de jovens mulheres tem feito declarações, organizado marchas, realizando ações independentes e, juntamente com as estruturas gerais do movimento juvenil, tem apelado aos jovens para se juntarem à mobilização geral em defesa do Nordeste da Síria.

O principal objetivo do movimento de jovens mulheres é organizar as jovens e apoiá-las na criação de uma personalidade livre e de uma vontade que não dependa de padrões patriarcais ou capitalistas. Tendo em conta que as mulheres jovens são especialmente alvo da pressão dos padrões de beleza capitalistas, de conceitos patriarcais de relacionamento e de estruturas hierárquicas nas famílias, a organização quer criar alternativas para que as jovens mulheres possam viver coletivamente, encontrando beleza em si mesmas, desenvolvendo autoconfiança e conhecendo as suas próprias forças.

Çavreş Tekoşin tem 23 anos. Tem acompanhado o apelo dos movimentos de jovens mulheres para defender o Nordeste da Síria. Decidiu juntar-se aos trabalhos de defesa e encontra-se atualmente numa base do movimento das jovens mulheres em Til Temir. Nascida em Qamişlo, Çavreş conta-nos que veio da Europa para Rojava: "Vim de Berlim para o Nordeste da Síria. Estava na Alemanha mas, quando a guerra começou, o meu desejo foi vir para cá". Não suportava ver como os bandos atacavam, ocupavam as nossas terras e como as mulheres caíam nas mãos do inimigo".

Veu para o Nordeste da Síria para trabalhar com o movimento de jovens mulheres. "Como jovem, vim para cá para participar nesta resistência. Como jovens mulheres, estamos a construir as nossas próprias posições defen-



sivas. Não aceitamos que ocupem as nossas terras. Querem submeter as mulheres, mas nós não o permitiremos." Explica como é que o trabalho delas se desenvolve: "Somos dez jovens mulheres a viver juntas na nossa base em Til Temir. Transmitimos umas às outras grande força moral. Três de nós vão sempre para as nossas posições defensivas, onde observamos o que está à nossa volta. Outras fazem patrulhas noturnas. A primeira vez que fiz patrulha noturna, havia um drone a sobrevoar sobre a minha cabeça, mas não tive medo. Sei que a minha força é grande."

Çavreş enfatiza que o movimento das jovens mulheres não é apenas ativo como parte do sistema de defesa. "Em todo o Nordeste da Síria, estamos a envolver as jovens mulheres na discussão. Explicamos como as mulheres foram escravizadas por esses bandos de jihadistas, que não têm respeito pelas mulheres". Discutimos com elas e dizemos que, como jovens mulheres, não aceitamos isto. Porque quando as mulheres são oprimidas, também são oprimidas a vida e a liberdade".

Manter as comunidades fortes:

Organização de campos para deslocados

Os ataques turcos ao norte da Síria têm causado deslocamentos em massa. Até agora, mais de 300.000 pessoas foram forçadas a abandonar as suas casas.¹ Muitas delas são acolhidas pelos seus parentes em outras cidades ou tentam encontrar abrigo em escolas e outras habitações organizadas.

Gulistan Oso é a co-presidente responsável pelos Assuntos dos Refugiados no cantão de Cizîr e trabalha no campo de Tweyna, também conhecido como campo Washokani, entre Haskake e Til Temir. O campo foi aberto no dia 1 de novembro de 2019 para as pessoas deslocadas por causa da atual invasão militar turca. O acampamento acolhe atualmente cerca de 2000 indivíduos com novas famílias a chegarem todos os dias.² A maioria das famílias do campo são árabes, seguidos pelos curdos, ambos das regiões de Til Temir e Serêkaniyê. “Também uma família assíria chegou ao acampamento: Mas como as forças das SDF libertaram a aldeia pude voltar para a sua casa”, afirma Gulistan.

Gulistan menciona as dificuldades que enfrentam: “Desde que todas as ONG internacionais partiram, só nós e as ONG locais é que estamos

a prestar ajuda e apoio a este campo.” Organizações da ONU, como o ACNUR, não apoiam o novo campo, uma vez que o governo sírio recusa a permissão.³ “No entanto, são o nosso povo, por isso somos nós que cuidamos deles.”

“A maioria dos habitantes do acampamento são mulheres e crianças. As mulheres deixam as áreas onde as forças turcas de ocupação estão a avançar muito mais cedo do que os homens”, explica Gulistan. “Mas as mulheres não são apenas vítimas de deslocação. Elas assumem a responsabilidade por elas próprias e pelo seu povo”. Além das mulheres que trabalham para Heyva Sor a Kurdistan, para ONG locais e as forças de segurança do campo, as mulheres do campo também estão a organizar-se. O acampamento é organizado em comunas como o sistema nas suas cidades e aldeias de origem. As comunas do campo estão organizadas por um sistema de copresidência, o que significa que uma mulher e um homem são porta-vozes em pé de igualdade.

Gulistan Oso explica como as mulheres estão a participar nos trabalhos do campo: “As mulheres sempre desempenharam um papel chave na organização da sociedade. Agora vemos como nosso dever assumir a responsabilidade pelo nosso povo que foi deslocado”. Aqui no campo organizamos as pessoas, apoiando-as naquilo que precisam para viver uma vida digna, não permitindo que a forma democrática de organização popular que desenvolvemos nos últimos anos seja destruída pela deslocação”.

Notas

- 1 Heyva Sor: Invasão militar turca e grupos islâmicos no nordeste da Síria, 14.11.2019, p.1.
- 2 Rojava Information Center - Centro de Informação de Rojava: Últimos desenvolvimentos da guerra no Nordeste da Síria, 28.11.2019.
- 3 Heyva Sor: Invasão militar turca e grupos islâmicos no nordeste da Síria, 14.11.2019, p.1.



Habitantes do Campo de Tweyna e o movimento das mulheres Kongra Star fazem uma declaração contra a invasão

"Para garantir que a organização do povo seja resistência, porque é isso que o inimigo tenta destruir."
Gulistan Oso





Sozdar Abdo (à esquerda) e Xewla Xelf Qewas (à direita) tiveram de fugir de Serêkaniyê. Em Haseke, ambas continuam o seu trabalho para a Fundação das Mulheres Livres.

**“Apoiar as mulheres na capacidade de agir e cuidar dos outros é resistência contra a guerra patriarcal.”
Sozdar Abdo**

Capacitar as mulheres para cuidar das suas comunidades:

Free Women's Foundation of Rojava WJAR

A Free Women's Foundation of Rojava foi fundada em 2014 e apoia o empoderamento de mulheres e crianças no Nordeste da Síria. Parte do trabalho da WJAR é fornecer ajuda às mulheres e crianças que sofrem de situações de guerra, deslocação e outras dificuldades.

O seu trabalho é baseado no princípio de que mulheres livres são a base de uma sociedade livre. O seu objetivo é opor-se à violência patriarcal estrutural, fortalecendo as mulheres através da educação e de diferentes projetos comunitários. Alguns dos projetos que estão atualmente em curso no Nordeste da Síria incluem projetos e campanhas de saúde comunitária, centros de saúde, aconselhamento social e psicológico, cooperativas, formação profissional e diferentes programas em campos de refugiados e com ex-mulheres do IS, ou seja, do Estado Islâmico.

Xewla Xelf Qewas e Sozdar Abdo são membros da Free Women's Foundation. São ambas de

Serêkaniyê, onde iniciaram o primeiro centro de saúde da Free Women's Foundation of Rojava, há 5 anos. Devido à invasão militar turca, foram forçadas a fugir de Serêkaniyê. Xewla, de 36 anos, explica a sua situação: “Fugimos no dia 10 de outubro para Haseke. Juntamente com as nossas irmãs, irmãos, pais e filhos, somos um total de 22 pessoas”. Agora vivemos todos juntos em dois quartos, enquanto antes estávamos em 5 casas. Ficamos lá sem nada. Não podíamos levar nada connosco”. Apesar dos seus próprios desafios, ela tomou a decisão de ajudar outros em situação semelhante com o seu trabalho: “Quando chegámos a Haseke, vimos que, tal como nós, ninguém tinha nada. Foi por isso que começámos a trabalhar de novo.”

Sozdar, 27 anos e mãe de três meninas, vive em circunstâncias semelhantes: “Estamos alojados com 15 pessoas numa pequena casa em Haseke. Estamos hospedados junto com a minha cunhada. Muitos foram os que ficaram doen-

tes, inclusive crianças e mulheres. A água não é limpa e há muito pó”. Estando exposta a estas condições viu a necessidade de agir: “Decidimos abrir um posto de saúde no centro da fundação em Haseke. Há uma grande necessidade de cuidados médicos e de medicamentos. Não temos o suficiente para cobrir as necessidades. Mas com as possibilidades que temos vamos apoiar os refugiados.”

Xewla e Sozdar começaram a visitar as mulheres nos campos de refugiados e organizaram uma equipa móvel de primeiros socorros médicos que tem conseguido alcançar cerca de 300 pessoas até agora. Somente em novembro, cerca de 200 mulheres e crianças puderam receber atendimento médico no seu novo centro de saúde em Haseke. Além disso, distribuíram ajuda humanitária a cerca de 500 mulheres e crianças deslocadas.

O objetivo da WJAR não é apenas fornecer apoio aos refugiados, mas oferecer às mulheres deslocadas educação em tratamentos médicos básicos para si e para os outros. Foram organizadas formações de profissionais de saúde. Já 30 mulheres completaram os primeiros cursos e foram organizadas cinco oficinas de apoio psicológico para outras 120 mulheres refugiadas.



A clínica móvel em Haseke está a fornecer tratamento médico às e aos deslocados.



Membros da Fundação das Mulheres Livres estão a apoiar pessoas deslocadas que vivem em escolas.

Mulheres conduzem as suas sociedades para alcançar a paz:

A diplomacia feminina e as alianças democráticas

A diplomacia é na sua essência comunicação, negociação e o estabelecimento de acordos comuns entre diferentes grupos sociais e políticos. A diplomacia existe desde que diferentes grupos têm precisado de comunicar uns com os outros. Tradicionalmente, as mulheres, que desempenham um papel central na organização das sociedades, também desempenham um papel central na diplomacia. Apesar de ser uma oportunidade para estabelecer relações amigáveis, alcançar a paz e o benefício mútuo, a diplomacia tem sido cooptada como um método de dominação. Nos tempos atuais, tornou-se uma ferramenta para estabelecer poder e controlo por parte dos Estados-nação e de outros atores poderosos.

Desde o início da revolução em Rojava, as mulheres têm desempenhado um papel vital na diplomacia no Nordeste da Síria, inclusive para acabar com a invasão turca e assegurar uma solução política para a crise na Síria. A todos os níveis, nacionais e internacionais, as mulheres estão a destacar-se nas negociações pelos interesses da paz e da liberdade. Ilham

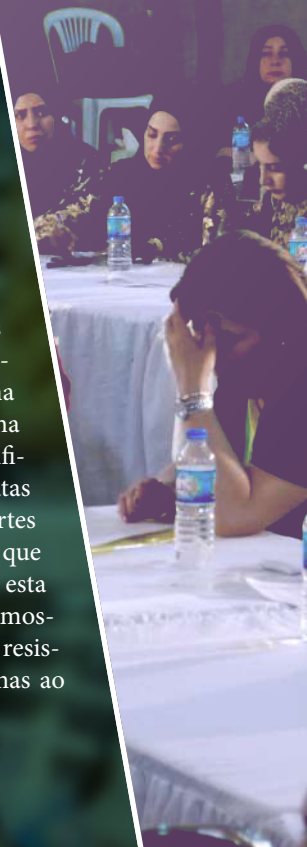
Ahmed, a presidente do Comité Executivo do Conselho Democrático da Síria (SDC), tornou-se uma figura conhecida mundialmente, reunindo-se com órgãos como o Congresso dos EUA e representantes de vários poderes e atores internacionais. As mulheres políticas do Partido Futuro Sírio, que visa a democratização da Síria, têm sido alvo das forças de ocupação turcas. Hevrin Xelef foi morta por bandos de mercenários da Turquia nos primeiros dias da guerra. Era conhecida especialmente pelo seu empenho diplomático e habilidade na construção de pontes entre os diferentes grupos. Hevrin Xelef conseguiu fortalecer as alianças mútuas entre diferentes comunidades, trabalhando pelos direitos das mulheres, pela paz e pelas relações democráticas.

Dilvîn Ehmed é membro do Comité Diplomático da Kongra Star. Ao descrever o comité, explica: "Somos, de certa forma, uma voz unificada das mulheres aqui, por isso é vital comunicar bem e construir relações a todos os níveis." O comité tem fornecido informações aos movimentos de mulheres, organizações de direitos humanos e instituições da ONU sobre a situação atual das mulheres, a fim de fazer ouvir a voz das mulheres em todo o mundo e exercer pressão sobre os responsáveis pelas decisões políticas. "Estamos a redefinir a diplomacia, trazendo de volta uma perspetiva que vai para além da competição patriarcal e trata a diplomacia como um caminho para a paz". É importante que as mulheres sejam ativas na diplomacia, não deixando este campo para os

estados nacionais e os homens".

"Mas não se trata apenas da guerra", enfatiza Dilvîn. "O nosso objetivo é estabelecer alianças democráticas baseadas em princípios e valores comuns." Portanto, o comité está a participar em conferências de mulheres no Nordeste da Síria e está comprometido com organizações e movimentos de mulheres em todo o mundo. "Estamos a acompanhar as lutas das mulheres e dos povos em todo o mundo, das quais recebemos muito apoio e solidariedade. Nos últimos meses, construímos relações com mulheres no Brasil, organizações de mulheres na Polónia e a resistência indígena na Bolívia. Queremos intensificar estas relações e ligar as lutas das mulheres de diferentes partes do mundo. Como precisamos que as mulheres se ergam contra esta guerra, elas precisam que lhes mostremos que, como mulheres resistentes do mundo, estamos umas ao lado das outras".

Reconhecimento da
Administração Autónoma
do Nordeste da Síria,
14.6.2019.





Asya Abdullah, Coordenação da Kongra Star

“A única maneira de trazer de volta o verdadeiro significado da diplomacia e colocar o mundo no caminho da paz e da cooperação é colocar as vozes das mulheres novamente na vanguarda.”
Dilvîn Ehmed



Presidente do comitê executivo da SDC, Ilham Ahmed, a discursar sobre o Nordeste da Síria no Parlamento Europeu em Bruxelas.



**"Como sociedade civil, esta guerra é contra nós; é por isso que devemos resistir. A Campanha de Boicote à Turquia é uma resistência da sociedade civil, lado a lado com a resistência militar".
Civîn Remo**

Cortar as raízes do militarismo turco: Campanha de Boicote à Turquia

A campanha *Boycott Turkey* apela ao boicote dos produtos turcos, bem como a tudo aquilo com que o Estado turco lucre, como o turismo na Turquia. A campanha argumenta que o poder de Erdogan depende de uma economia estável que distribui dinheiro aos seus companheiros e apoiantes para estabilizar este mesmo poder. Portanto, a campanha visa enfraquecer a economia turca para reduzir o apoio a Erdogan.¹

No Nordeste da Síria, a universidade de Rojava lançou um apelo para boicotar a Turquia. Após o seu apelo muitas outras organizações da sociedade civil aderiram. Kongra Star, o movimento de jovens mulheres, membros dos conselhos municipais, Malbatên Şehîdan e o comitê de educação estão a participar na coordenação da campanha.

Civîn Remo, copresidente do conselho municipal de Haseke, é membro do comitê de campanha e explica como a campanha começou: “Depois dos ataques iniciados no dia 9 de outubro, as pessoas em Başûr (Curdistão do Sul, ou seja, correspondente ao Curdistão iraquiano) e Rojhilat (Curdistão Oriental nas frontei-

ras do Irão) iniciaram a campanha de boicote à Turquia. Em pouco tempo difundiu-se e foi bastante bem sucedida". Civin Remo explica como a sua cidade começou a participar: "A cidade de Haseke fez uma declaração oficial promovendo a campanha. Isto foi apoiado por diferentes partidos políticos e empresas. Também 35 empresas fizeram uma declaração oficial de que vão parar de comprar produtos turcos e queimaram simbolicamente produtos turcos".

Civin explica de que forma as mulheres participam na campanha: "Kongra Star e o comité de mulheres estavam a distribuir folhetos nos postos de controlo e a discutir os objetivos da

campanha com as pessoas. As mães dos şehîds os mártires, estavam a colocar cartazes nos mercados, explicando às pessoas que a compra de produtos turcos apoia o assassinato de seus filhos". O movimento de jovens mulheres, juntamente com o Comité de Educação, tem preparado peças de teatro a apresentar em breve, nas quais explicam de que forma o boicote está a funcionar. Desta forma, querem galvanizar a população para aderir à campanha. Civin explica a importância de educar a população sobre este tema: "A campanha é planeada numa perspectiva de longo prazo", afirma Civin. "É uma luta para desenvolver as consciências. Levará tempo até que a mentalidade na sociedade mude, mas quando conseguirmos incutir



Mulheres a distribuir panfletos aos carros que passam nos postos de controlo da estrada.

esta consciência na nossa sociedade, poderemos ter um grande impacto".

Civin vê a campanha como uma forma das pessoas de todo o mundo poderem participar: "Nós vemos a campanha a nível internacional. Na Europa, onde quer que haja curdos e amigos dos curdos, e inclusive no mundo árabe que também dá um grande apoio neste sentido. Onde quer que estejamos, podemos colocar um limite à economia da Turquia. Onde quer que as mulheres estejam, não apenas aqui, elas podem desempenhar um papel nesta resistência."



Apelo ao boicote de produtos turcos na cidade de Haseke. Produtos turcos foram queimados simbolicamente.

Notas

1 Ver: <https://boycott-turkey.net/why-boycott-turkey/>

Defesa Global da Revolução de Rojava:

A Campanha “Women Defend Rojava”

A campanha Women Defend Rojava foi iniciada pelo movimento de mulheres Kongra Star em agosto de 2019. O nosso objetivo tem sido fortalecer os laços entre as lutas das mulheres ao nível internacional e o movimento de mulheres do Nordeste da Síria, e criar a consciência de que a guerra e a ocupação do estado turco têm como objetivo as conquistas da revolução das mulheres. A campanha partilha informações sobre as conquistas e a resistência da revolução feminina com o resto do mundo. Além disso, proporciona uma voz unificada às lutas femininas e anti-patriarcais, trocando notícias sobre a resistência no Nordeste da Síria e ações de solidariedade e resistência em outras partes do mundo. A campanha oferece



“Como Women Defend Rojava queremos chegar às mulheres de todo o mundo. Queremos que todas as mulheres vejam os valores e as conquistas desta revolução e que as defendam como se fossem os seus próprios valores e conquistas”.
Silava Şêxmûs



As mulheres do país basco protestam contra a guerra turca a Rojava usando o logotipo da Women Defend Rojava.

às mulheres a possibilidade de se auto-organizarem nas suas próprias regiões e de cooperarem e coordenarem-se coletivamente com o movimento mulheres em Rojava na resistência contra a invasão turca. 31 Comitês de Women Defend Rojava foram criados em 12 países, com a intenção de pensar e agir globalmente e de se organizar localmente.¹ A campanha visa fortalecer a luta contra o sistema patriarcal e a opressão em toda parte, deter os planos de ocupação e genocídio da Turquia e derrotar os ataques à revolução das mulheres no Nordeste da Síria.

Para além das mobilizações, reuniões, declarações e marchas de mulheres em curso em todas as regiões do Nordeste da Síria, tem havido uma campanha internacional de informação e relações públicas. Esta campanha funciona principalmente em inglês, espanhol e alemão, mas também em árabe, francês, turco e curdo. A organização Women Defend Rojava coordena com outras campanhas de solidariedade in-

ternacional e tem realizado convocatórias para dias internacionais de ação, incluindo o Dia Mundial de Kobane e o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra a Mulher. O comitê de campanha, com sede no Nordeste da Síria, é formado por mulheres locais e mulheres de diferentes países, todas a trabalhar juntas para defender a revolução feminina.

Silava Şêxmûs é uma jovem curda de Amûde, que trabalha na campanha. “Estamos a fazer este trabalho para estarmos lado a lado com todas as mulheres que estão a ser atacadas nesta guerra. Women Defend Rojava serve para se apoiarem umas às outras”, declara. Silava explica a necessidade de uma dimensão internacional: “A revolução da Rojava é uma revolução de mulheres. Sabemos que se esta revolução for derrubada, isso não afetará apenas as mulheres da Rojava, mas as mulheres de todo o Médio Oriente em todo o mundo”. Não queremos apenas que as mulheres em Rojava se ergam para apoiar a Rojava, queremos que

todas as mulheres se ergam”.

Beth Ervin da Grã-Bretanha veio como internacionalista a Rojava para trabalhar com o movimento de mulheres, para aprender com a revolução de Rojava e para desenvolver valores revolucionários internacionalistas. “Quando a invasão turca começou, aqueles de nós que estavam aqui como internacionalistas tomaram os seus lugares na resistência do Nordeste da Síria. Consideramo-nos parte deste movimento, por isso, é claro, queríamos desempenhar o nosso papel na sua defesa.” A campanha cresce rapidamente e Beth e as suas camaradas esperam desenvolvê-la ainda mais. “É realmente emocionante ver todos os comités que surgem, e saber que se trata de muito mais do que enviar solidariedade para as mulheres do Nordeste da Síria. Trata-se de organizar a nossa própria liberdade, de forma partilhada e livre.”

Notas

1 Número de comunas até 9 de dezembro de 2019.



“Quando as potências patriarcais internacionais atacam as conquistas da revolução feminina no Nordeste da Síria, somos nós todas a sermos atacadas. É por isso que nós, como mulheres e oprimidas pelo patriarcado por todo o mundo, precisamos de defender Rojava”.

Beth Ervin

Como poderá ficar envolvida

- Mantenha-se informada sobre a situação no Nordeste da Síria (por exemplo, siga e partilhe o nosso Twitter, FB e homepage...)



- Aumente a consciência, colocando a situação no Nordeste da Síria na agenda pública, escrevendo artigos e organizando eventos, palestras ou discursos
- Dirija-se a instituições internacionais como a ONU, o ACNUR e a Organização dos Direitos Humanos e exija que assumam a responsabilidade de pôr fim à ocupação da Turquia e de aplicar o direito internacional, as convenções sobre as mulheres e os direitos humanos
- Junte-se à campanha de boicote à Turquia “Boycott Turkey” e promova-a na sua área de residência
- Participe e organize manifestações e ações diretas

- Entre em contacto com a sua comunidade curda local
- Procure o seu comité local de Women Defend Rojava ou crie um
- Crie redes antipatriarcais, feministas e de mulheres que possam fortalecer as relações de solidariedade local e global e fortalecer as lutas contra o patriarcado, o fascismo e as ditaduras em todos os lugares

Espalhe e amplie as exigências da Declaração das Mulheres da Kongra Star:

- Prevenção de mais crimes de guerra e limpeza étnica pelas forças do exército turco, Estado Islâmico, da Frente Al Nusra e de outros grupos terroristas jihadistas
- Retirada de todas as forças de ocupação turcas do território sírio
- Implementação de uma zona de exclusão aérea sobre o Nordeste da Síria e proteção contra novas invasões e crimes de guerra por parte do exército turco
- Julgamento de todos os crimes de guerra e de todos os criminosos de guerra

- Cessação de todo o comércio de armas com a Turquia
- Aplicação de sanções políticas e económicas contra a Turquia
- Reconhecimento da Administração Autónoma do Nordeste da Síria
- Apoio total para uma solução política da crise na Síria, assegurando a representação e participação de mulheres e representantes populares de todas as diferentes comunidades nacionais, culturais e religiosas da Síria

Mais informações

- Movimento de Mulheres Kongra Star: eng.kongra-star.org
- Unidades de Proteção das Mulheres, YPJ: ypjrojava.org
- Women Defend Rojava: www.womendefendrojava.net
- RiseUp4Rojava, campanha internacional para defender as conquistas da revolução Rojava: www.riseup4rojava.org
- Boycott Turkey: www.boycott-turkey.net
- Komun Academy, academia online para teorias e prática do movimento curdo pela liberdade: www.komun-academy.com



DOAÇÕES

Kurdish Red Crescent Heyva Sor
Banco: Kreissparkasse Köln
IBAN: DE49 3705 0299 0004 0104 81
BIC/SWIFT: COKSDE33XXX

Foundation of Free Women WJAS:
Kurdistan Hilfe e.V., Hamburg/Alemanha
Banco: Hamburger Sparkasse, Alemanha
IBAN: DE40 2005 0550 1049 2227 04
BIC/swift: HASPDEHHXXX
Reference: WJAS

Se tiver alguma dúvida sobre como participar, por favor entre em contacto connosco
womendefendrojawa@protonmail.com

Redigido pela campanha Women Defend Rojava, parte da Kongra Star Diplomacy
19/01/2020

www.womendefendrojawa.com

www.eng.kongra-star.org



Twitter: [@starrcongress](https://twitter.com/starrcongress)

Facebook: [Kongra Star Diplomacy](https://www.facebook.com/KongraStarDiplomacy)

Instagram: [@WomenDefend](https://www.instagram.com/WomenDefend)